

DEPOIMENTOS DOS EXPERTS POR EXPERIÊNCIA

Associação italiana: *Sentire le Voci*

Italian Association: Sentire le Voci

Asociación Italiana: Sentire le Voci

Contini, Cristina¹; Bocci, Francesco²; Baratta, Vladimiro³

Como citar este artigo: Contini C, Bocci F, Baratta V. Associação italiana: sentir ele voci. J. nurs. health. 2018;8(n.esp.):e188403

Descritores: Perdão; Psicoterapia; Saúde mental.

APRESENTAÇÃO

Os depoimentos, a seguir, fazem parte do compartilhamento da experiência de três referências da importante Associação chamada *Sentire le Voci* que vem protagonizando o movimento de ouvidores de vozes na Itália desde meados dos anos 2000. Em 2005, Cristina Contini contribuiu para criação da Associação *Noi e le Voci*, da qual foi vice-presidente, e em 2013 criou a Associação *Sentire le voci* (<http://www.sentirelevoci.it/>), a qual preside até hoje.

Cristina Contini- Presidente da Associação *Sentire le Voci*

Me chamo Cristina Contini e como Presidente da “Associazione Sentire le voci” (www.sentirelevoci.it), me foi solicitado escrever algo que possa servir para que possamos ter sempre mais informações sobre ouvir vozes.

*Por este motivo pensei que seria importante a escrita de algumas noções teóricas de uma psicoterapeuta que faz parte da rede de trabalho da nossa Associação (*Ouvir vozes é uma disciplina didática no Programa da Escola de Psicoterapia Adleriana di Milano-Brescia e o doutor Francesco Bocci é o coordenador da Escola juntamente com o Presidente Claudio Ghidoni*).*

Para tanto, Vladimiro, um ouvidor de vozes de Roma, a quem estou fazendo um acompanhamento via Skype, apresenta seu depoimento de enfrentamento das vozes resumindo a sua experiência.

¹ Presidente da Associação *Sentire le Voci*/ Emilia Romana. IT. Ouvidora de Vozes, E-mail: cristinacontini@sentirelevoci.it

² Psicologo e Psicoterapêuta. Indirizzo Via Malta, 12 - Brescia. E-mail pessoal: fbocci80@gmail.com. E-mail escola de psicoterapia adleriana di Brescia: segreteria@scuolaadleriana.it

³ Città di residenza Roma, Ostiense. E-mail: vladybaratta@yahoo.it

Deliberadamente e por óbvia coerência não dei a ele nenhuma orientação sobre esta escrita, de modo que emergisse de cada um, as respectivas prioridades em termos de conteúdo e modalidade. Devo, no entanto, chamar atenção, para o fato de que a linguagem usada pelo ouvidor é cada vez mais insípida de emoções, as quais nos últimos anos, deliberadamente, ele enterrou para sobreviver... Portanto, seu depoimento, se assemelha a uma crônica e a uma história contada, que lhes garanto que é fruto de muito trabalho, em termos primeiro de introspecção e depois de socialização/de posterior abertura.

Agradeço da minha parte, de Francesco e Vladimiro por esta oportunidade.

Depoimento do Doutor Francesco Bocci - Psicólogo e Psicoterapeuta: sobre o trauma, o perdão e a psicologia individual

Ao lado da concepção psicanalítica tradicional, segundo a qual o trauma é uma "ruptura de uma barreira de proteção" aproxima-se hoje a visão de uma condição traumática como um distúrbio precoce da relação de fixação entre mãe e filho. A psicanálise relacional sustenta que existe um sistema motivacional primitivo que visa estabelecer relações.

A necessidade da criança não é a de prazer ou gratificação, mas a de um relacionamento intenso com outra pessoa.

É o rompimento do elo eu-tu que constitui o efeito traumático, de modo que crianças desorganizadas reagirão a traumas futuros de maneira mais forte.

Podemos supor que o pai, por sua vez, quando vivenciou um trauma, não é capaz de cuidar da melhor maneira da criança, estabelecendo uma relação de apego insegura ou desorganizada (apego desorganizado muitas vezes provoca transtornos dissociativos).

A psicologia individual de Alfred Adler fala de "apego" como uma "necessidade de ternura" inata no homem, desde o nascimento. A criança sentirá se essa expectativa será desenvolvida através da presença materna.

Experiências positivas têm efeitos positivos a longo prazo do eixo hipotalâmico-pituitário (com a conseqüente libertação de noradrenalina) que desempenha um papel importante para a regulação entre um organismo e outro e o organismo individual.

Pesquisas confirmam que as relações de apego têm um forte impacto nas áreas límbicas e corticais do hemisfério direito.

O modelo parece sugerir que os apegos traumáticos criarão uma vulnerabilidade duradoura à disfunção e, em momentos de estresse, uma predisposição ao transtorno de estresse pós-traumático.

As reações psicobiológicas da criança a sérios estressores interpessoais incluem dois tipos de respostas: a hiperatividade e a dissociação.

Mesmo o fenômeno das "vozes", além de suas próprias características, pode ser rastreado até um desenvolvimento de identidade que foi interrompido, no qual o self permaneceu dividido e não foi capaz de desenvolver suas habilidades criativas. As vozes tornam-se, assim, o sintoma, não a causa, de um trauma primário vivenciado pelo sujeito, em um nível relacional desde os primeiros anos de vida.

Adler descreve como a experiência dolorosa sofrida devido ao fracasso em satisfazer a "necessidade primária de ternura", a dissociação da personalidade surge como uma forma de adaptação.

A confusão das fronteiras entre si e o outro provoca no sujeito a impossibilidade de o sujeito averiguar a verdade com clareza. Em outras palavras, a criança é privada de sua própria verdade com relação à sua experiência de um evento e essa distorção será repetida, sem que a criança esteja ciente disso, em relacionamentos futuros, incluindo o terapêutico. O trauma danifica a capacidade da criança para avaliar a realidade. A representação interna do self fragmentado deve ser reconstruída em terapia em termos simbólicos: a memória é recuperada e retrabalhada em seu contexto, se for criado um espaço empático e uma área segura onde o real possa encontrar seu lugar.

A coisa extraordinária sobre o trauma é a resiliência humana e a capacidade de ir além da devastação e da perda e se recuperar.

Em geral, a capacidade humana de recuperação e reparo é, no entanto, surpreendente. Essa qualidade humana é identificada e estudada pela psicologia como "resiliência", que indica a capacidade de um material deformado absorver energia, liberando-a e retornando ao seu estado normal. Até mesmo as vozes são um sintoma de resiliência que deve, portanto, ser encarada, reconhecida e ouvida pelo sujeito e pelo terapeuta.

É o mesmo que ultrapassar os próprios limites, voltar a ser de alguma forma mais tarde ele mesmo. As vozes muitas vezes levam o sujeito além de seus limites.

A resiliência tem em si um elemento de fé e esperança, que, no entanto, parte de um "limite". Há, portanto, uma recuperação inteira ligada aos vínculos. Portanto, não é de surpreender que as pessoas que respondem melhor a situações traumáticas sejam aquelas com altos traços sociais e um estilo social ativo e consciente, com um forte locus interno e um senso de direção de seu próprio destino, que Adler chama de Plano de Vida.

A perda revela essa verdade sobre nós mesmos, que nossa existência é ameaçada e questionada pela perda do outro.

A perda revela nossa racionalidade constitutiva de nosso ser humano e, ao mesmo tempo, descobre nossa vulnerabilidade, que Adler chama de "sentimento de inferioridade", que de alguma forma as Vozes tentam "compensar", preencher, a ponto de muitas vezes deixar o assunto "longe" do Outro. De fato, a política do luto na psicoterapia implicará uma política de reconexão e relacionalidade, que se concentra em diferentes formas, como o perdão pessoal ou privado para reconciliar-se com o próprio Eu e depois com o Outro do Eu. Se o perdão é essencial, então, a ausência de perdão é uma ameaça para a humanidade.

O perdão está entre aquelas práticas que, junto com o eu criativo, mostram que um trabalho intrapsíquico significativo foi feito. É um ato gratuito e não pode ser induzido ou forçado por ninguém; é simplesmente o sinal de que um profundo trabalho no Eu foi realizado e mostra a capacidade de resiliência do sujeito e sua abertura e esperança no futuro. Com o perdão, isso basicamente significa que o culpado foi de alguma forma "humanizado", visto em sua culpa e com algum nível de empatia, mesmo que ele não possa ser entendido e aceito.

O paciente traumatizado teme a companhia do outro e sente-se distante de todos, isolado, aquele que ouve Vozes muitas vezes se sente culpado. A mesma experiência traumática torna o paciente um estranho para o resto da humanidade. Ele se sente diferente dos outros e o apoio da comunidade é um elemento de recuperação. Precisamente por esse motivo, um dos primeiros sinais de recuperação é que você está novamente em contato com outras pessoas. A importância da "reintegração social" e a aquisição de um "sentimento social" renascido em torno dos traumatizados é o que cria um contexto que pode proporcionar um renascimento do eu criativo no sujeito.

A situação dolorosa do traumatizado é descrita, por um lado, como uma necessidade de se afastar da intimidade e, por outro, como uma necessidade desesperada de proximidade e contato com o outro, como explica Adler.

A relação terapêutica típica da Psicologia Individual proporciona uma forma especial de reconexão e reconhecimento, cujo objetivo principal é promover a recuperação e cura do paciente, entendido como a redescoberta da própria subjetividade e individualidade dentro do próprio grupo "Comunidade".

A expertise por experiência de Vladimiro

Minha desventura começou em 1986. Sou de 1969, tinha 17 anos e estava no exterior, em Berlim, para ser preciso. Acordei de repente, havia tomado um

êxtase na noite anterior. Eu estava com medo e ouvi vozes falando comigo. Elas disseram que eram as "cores" e me disseram seus nomes.

Os personagens ao longo do tempo, eu falo de anos! Eles se tornaram mais e mais numerosos, e as vozes se multiplicaram.

Por dez anos continuei assim, as vozes eram de certo modo também invalidadoras, no sentido de que eu não podia fazer nada, me concentrar, ler, estudar, trabalhar.

Em 1995 voltei a Roma e comecei a estudar violão clássico.

Finalmente, a conselho de amigos, em 1999 decidi dirigir-me a um Centro de Saúde Mental (CMS), onde me aconselharam uma imersão total de 12 meses em uma comunidade, mais seis meses em uma casa autogerida, o que eu fiz.

Com o passar do tempo, passei a confiar em uma mulher, Mariella. Com Mariella mantive um relacionamento até 2004 quando rompemos, mais tarde em 2010 voltamos a ficar juntos, após a morte do meu pai.

Fui para casa, mas estava doente e decidi morar em uma casa de família através do CSM.

Fiquei lá por cerca de quatro anos, quando me mudei para um apartamento, onde Mariella me procurou e onde moramos hoje.

Fiz uso de uma terapia farmacológica (Risperdal® - risperidona) de janeiro de 2000 até 2010, sempre a mesma medicação, depois mudei de fármaco (Abilify® - aripripazol) e permaneci com este tratamento até hoje.

Na prática fiz 13 anos de psicoterapia, de 2000 a 2013, com frequência semanal, primeiramente com o médico da comunidade, depois com o CSM, aprofundamos vários tópicos principalmente nas relações inter-familiares e de amizade.

Eu conheci a associação Sentire le Voci através de um trabalhador da saúde, e comecei a me interessar. Participei, com Mariella e também com minha mãe, de três conferências no norte da Itália, em Roma e em Savona, depois fiz uma série de sessões com a Cristina Contini e agora retomo os contatos com a associação.

O importante é que enfrentemos o problema das vozes diretamente, através do diálogo com elas.

Certamente a situação melhorou muito.